



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
MONOGRAFIA EM LITERATURA

O FUTEBOL A SERVIÇO DA TRADIÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA EM O
DRIBLE

AMANDA CRISTINA GUEDES CANTILLO

BRASÍLIA, JULHO DE 2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
MONOGRAFIA EM LITERATURA

*O FUTEBOL A SERVIÇO DA TRADIÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA EM O
DRIBLE*

AMANDA CRISTINA GUEDES CANTILLO

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Elisabeth Ingeburg Souza Hess

BRASÍLIA, JULHO DE 2019

Aos meus!

RESUMO

Tendo como base a leitura do romance *O drible* de Sérgio Rodrigues e aproveitando as discussões recorrentes na história literária brasileira acerca da caracterização da literatura brasileira e do papel da literatura na fundação da nação brasileira, o presente trabalho pretende discutir a tentativa de elevação do futebol ao posto de possível personagem capaz de dar conta desta representação no romance *O Drible* de Sérgio Rodrigues. Buscando traçar um paralelo entre a tentativa de encontrar esse personagem que unifica a sociedade brasileira e a inserção do futebol na temática literária no Brasil. A partir desses dois pontos retomar a discussão sobre a disjunção da nação Brasileira e apresentar os traços que credenciam ou não o futebol a ser uma personagem capaz de trabalhar as singularidades da sociedade brasileira, analisando a recriação literária do esporte proposta pelo autor da obra, explorando as cenas recriadas a partir da narração das personagens e as metáforas futebolísticas usadas para a construção de sentidos dentro do romance.

Sumário

RESUMO	4
INTRODUÇÃO	6
A PERSONAGEM SUPRAPESSOAL	7
O FUTEBOL E A HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA	9
O DRIBLE E O FUTEBOL COMO PERSONAGEM	12
AS DUAS PONTAS DA VIDA.....	15
MURILO FILHO, O NARRADOR PARCIAL	15
MURILO NETO, O QUASE HERÓI	18
PLAY, PAUSE, REW, PLAY.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS.....	23

INTRODUÇÃO

O futebol torna-se ao longo do tempo um elemento da cultura popular brasileira, figurando no imaginário coletivo do país. Mais recentemente o futebol tornou-se também um elemento de cultura de massa. Dessa forma, os estudos acadêmicos e a produção literária tida como canônica que ignorou durante muito tempo o futebol como tema deixando reservado a ele um lugar apenas na crônica esportiva do jornal, começou a incluí-lo como tema.

Não há ainda no campo dos estudos literários trabalhos dedicados ao tema futebol na Literatura. São inúmeras as menções ao mundo do futebol na literatura brasileira, mas não havia ainda uma obra de ficção brasileira que atribuísse ao futebol o caráter de personagem, não apenas de pano de fundo. Grande parte da produção escrita acerca do futebol está no campo da crônica esportiva. Aproveitando o grande potencial do futebol como tema de interesse público e utilizando o esporte para representar as contradições estruturais do Brasil, o escritor mineiro Sérgio Rodrigues publica em 2013 o romance *O Drible*, conferindo ao futebol o status de revelador da “alma brasileira” como diz Fábio de Souza Andrade:

“[...]a novidade do romance de Sérgio Rodrigues está não tanto em converter a lógica do jogo em forma – como a poesia de João Cabral logrou recriar em palavras o tempo capturado no estilo de Ademar de Almeida –, mas em reconhecer no futebol este nó, resistente à interpretação e revelador ao extremo, da “alma brasileira” (para falar como Villa-Lobos), e dele fazer seu material romanesco, explorando-o em múltiplas direções.”

Assim, o presente trabalho pretende examinar a utilização do futebol como personagem e tema no Romance *O drible* do escritor mineiro Sérgio Rodrigues, buscando traçar paralelos entre a tentativa de encontrar uma personagem que unifique a sociedade brasileira e a inserção do futebol na temática literária no Brasil, a partir desses dois pontos apresentar os traços do futebol que credenciam o futebol a ser uma personagem capaz de trabalhar as especificidades da sociedade brasileira, analisando a recriação literária do esporte ambição artística da obra, explorando as cenas recriadas a partir da narração das personagens e as metáforas futebolísticas usadas para a construção de sentidos dentro do romance

A PERSONAGEM SUPRAPESSOAL

O surgimento dos estudos da história literária brasileira foi decisivamente impulsionado pela crítica literária do tempo do Romantismo. Embora a tentativa de representar o Brasil e constituir uma nacionalidade por meio da literatura aconteça desde o período do arcadismo, reconhece-se que é no período do Romantismo que surgem as primeiras produções literárias empenhadas em formar uma literatura brasileira independente. O escritor romântico encarava o patriotismo como estímulo e dever, no primeiro capítulo do segundo volume do *Formação da literatura brasileira* Antonio Candido debate o nacionalismo literário e sobre os românticos diz:

Com efeito, a literatura foi considerada parcela dum esforço construtivo mais amplo, denotando o intuito de contribuir para a grandeza da nação. Manteve-se durante todo o Romantismo este senso de dever patriótico, que levava os escritores não apenas cantar sua terra, mas a considerar as suas obras como contribuição ao progresso. (CANDIDO, p. 10)

Já nos primeiros estudos da história da literatura brasileira se apresenta um grande problema: A definição de quais são as características da Literatura brasileira. Candido em *A formação da Literatura Brasileira*, fala de uma peculiaridade da literatura brasileira ao longo de sua história, uma literatura empenhada que surge do esforço de construir uma literatura independente. Essa literatura buscava, sobretudo, atuar em programa que redefiniria os temas visando a particularização e diferenciação dos temas e forma de exprimi-los. A crítica literária brasileira percorreu ao longo dos anos um caminho historiográfico. Muitos anos depois Candido revisita sua obra e propõe uma discussão sobre a validade de fazer estudos sobre história da literatura.

O crítico literário Luís Bueno reúne em seu texto “Depois do fim: ainda história de literatura nacional?” as opiniões de Antonio Candido e Paulo Franchetti para debater assuntos como a personagem que pode unificar a nação brasileira, a tradição literária e fontes e rebaixamento. Parte principal desse tipo de discussão literária é o debate em torno do estudo da literatura sob a perspectiva da constituição dela como personagem que conduza tal nação a uma unidade. Acerca dessa personagem, o autor Paulo Franchetti discorre

Acima das diferenças de método, princípio e orientação política, o que une as histórias de Sodré, Coutinho, Candido e Bosí é uma aposta na possibilidade de narrar uma série de ações que conduzam à constituição de um ser “nacional”. Isto é, uma aposta em que é possível compor uma narrativa em que uma personagem suprapessoal, relevante para a definição dos contornos da nação, apareça como herói. Essa personagem-conceito, em cada uma das sínteses aqui mencionadas, caminha em direção à plena realização, numa série de peripécias em que vai triunfando sobre adversidades várias. A forma profunda desse discurso é, sem dúvida, épica. Sua realização particular, uma modalidade do romance de formação. (FRANCHETTI, 2002, s.p.).

Aproveitando o debate estabelecido por Franchetti acerca da construção e da identificação do nacional, Luís Bueno propõe uma discussão sobre a viabilidade da existência de um personagem coeso na literatura brasileira. Na opinião de Bueno, o personagem central da literatura brasileira deve passar a ser sua Tradição Literária, o autor desconsidera a ideia de nacionalidade ou de identidade nacional concebida sem fraturas, dessa forma o autor entende que a tradição literária torna-se a única possibilidade para preenchimento de tal espaço. (espaço da literatura) Não há como se constituir um personagem que unifique uma nação que não é coesa.

As incongruências estruturais que conduzem a formação da sociedade brasileira nos mais variados planos, as mesmas trabalhadas pelos intérpretes do Brasil, Machado de Assis, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros, podem ser investigadas, traduzidas e também trabalhadas nos termos do mundo do futebol? Encarado como uma personagem, pode o futebol dar conta de assimilar as contradições brasileiras? Em *O drible*, podemos observar o caráter revelador da nacionalidade brasileira em algumas de suas contradições. A utilização do futebol revela-se como ferramenta de manipulação dentro da obra, tornando-se não apenas um tema como também uma personagem de grande força que serve à tradição literária para de alguma forma representar o Brasil.

O FUTEBOL E A HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Amplamente difundido na cultura brasileira, no Brasil, o futebol se consolidou como um esporte de grande importância cultural, econômica e identitária. Aqui trataremos cultura como construção humana feita por um sistema de símbolos e pelas ações e experiências sociais dos homens, sejam elas: crenças, costumes e mitos, por exemplo. Pegaremos, então, o esporte em seu aspecto mais lúdico, como um fenômeno sociocultural. Dessa forma, portanto, o futebol faz parte da cultura.

Especialmente no Brasil, o futebol não só faz parte, como tem grande importância para a cultura popular. O futebol é figura marcante na linguagem popular e em manifestações artísticas como o cinema, a música, o teatro, a dança e a literatura. Desde 1930 a mídia tem o futebol como um de seus principais assuntos: há muitas publicações exclusivas sobre o assunto, cadernos diários em jornais, programas televisivos, inúmeros sites de internet e é presença constante na publicidade e propaganda.

Estabeleceu-se uma relação particular entre o futebol e a identidade nacional brasileira. Um bom exemplo é a imagem do Brasil como um país onde há uma suposta democracia racial plena. Essa imagem foi fortemente difundida, em especial, através do futebol. A introdução do esporte nas camadas mais desfavorecidas possibilitou a ascensão social de alguns indivíduos, muitos desses negros. O futebol é visto pelo Estado e pela mídia como uma das maiores manifestações populares do Brasil; tornou-se símbolo nacional, e isso é reforçado constantemente. O antropólogo Roberto DaMatta, que estuda o futebol como um fenômeno cultural brasileiro afirma

O futebol não é apenas uma modalidade esportiva com regras próprias, técnicas determinadas e táticas específicas [...] O futebol é uma forma que a sociedade brasileira encontrou para se expressar. É uma maneira (sic) do homem nacional extravasar características emocionais mais profundas, como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e muitas outras (DAMATTA apud CARRANO, 1998, p. 35).

Ao passo que a importância desse esporte para a cultura nacional crescia, pudemos observar mudanças na aceitação de se discutir o assunto no âmbito acadêmico. No início do século XX literatos debateram o tema em jornais,

principalmente. Nesse momento o futebol ainda era elitizado e estava no início de sua massificação. Posteriormente, nas décadas de 60 e 70, após a consagração do Brasil como campeão mundial, o interesse aumentou. Entretanto, só recentemente houve um aumento considerável de pesquisas e artigos nas ciências sociais que o têm como objeto, isso porque esse esporte "transformou-se em fenômeno social de grande importância, envolvendo uma complexa rede de relações sociais e de interesses, às vezes mais, às vezes menos divergentes" (ANTUNES, 1994, p.109).

No âmbito da literatura, a introdução da temática não é tão pacífica, os autores brasileiros produtores na época da chegada do futebol ao Brasil não viram com bons olhos tal fato; não é raro nos depararmos com escritos de autores como Lima Barreto criticando o esporte inglês. É difícil estabelecer uma ligação com o futebol e a história literária do Brasil. Ao rastrear os estudos literários em busca do que se falou sobre o futebol na literatura brasileira, nota-se que os trabalhos encontrados enfocam os aspectos estéticos, ideológicos e políticos das representações do esporte nos textos.

Há um vácuo na ficção brasileira em relação ao tema futebol. A crônica esportiva é o campo de produção que chama mais atenção pela utilização do futebol como tema, nomes como: Nelson Rodrigues, Plínio Marcos, Mario Filho, por exemplo, se consolidaram como grandes nomes escrevendo sobre futebol. Porém, não fora antes conferido ao futebol o estatuto ficcional. O Professor Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP, Fábio de Souza Andrade, publicou na revista Piauí em março de 2014 um artigo no qual se refere ao livro do autor Sérgio Rodrigues como o "nó que resiste à interpretação e revela ao extremo a alma brasileira". Nesse artigo o autor faz ponderações interessantes a respeito da inserção do futebol no campo da literatura e compara a utilização da moda na obra de Zola. Sobre isso diz:

Temos cronistas memoráveis, de Nelson Rodrigues a Plínio Marcos, os clássicos pioneiros de Mário Filho, claro, mas ainda nos falta alguém que confira ao futebol brasileiro o estatuto ficcional que Zola, por exemplo, atribuiu à moda francesa em seu *Au Bonheur des Dames* (1883).(ANDRADE, 2014)

Embora o presente trabalho não seja um estudo historiográfico, é importante salientar que é mais proveitoso ressaltar a importância de que consideremos e historiemos os registros literários dessas práticas, tais como o futebol, do que afirmar que a história da literatura brasileira não se preocupou na medida necessária com o tema e fez pouco em relação à representação de outras práticas culturais brasileiras. Histórias literárias como estas se fazem necessárias, em conjunto com outras perspectivas dos estudos literários, para ajudar na compreensão da literatura e da cultura do Brasil. A criação de novos recortes, gerando uma fragmentação de uma abordagem assim da literatura pode ser vista como vantagem quando se leva em consideração que é mais eficaz para o estudo de cultura tão multifacetada como a brasileira.

O DRIBLE E O FUTEBOL COMO PERSONAGEM

O romance de Sérgio Rodrigues tem o pontapé inicial com a narração de um quase gol de Pelé na copa de 1970. Visto em vídeo tape por Murilo Filho e narrado ao seu filho chamado Murilo Neto, as personagens centrais do romance. O lance narrado ganha ares cinematográficos, característica marcante dessa obra, a narrativa aproxima-se da estética do cinema recorrendo a um esquema de cenas entrelaçadas em uma espécie de colagem.

A narrativa se constrói por meio de múltiplas vozes, o autor utiliza os contrapontos entre as perspectivas das personagens principais e do narrador para formar a descontinuidade do tempo no romance, passado e presente se misturam a partir da narração e das lembranças de pai e filho; bem como um período da história do país, e, por conseguinte do futebol, vai sendo apresentada a partir de fatos narrados. Desde o princípio o autor busca a utilização de metáforas futebolísticas para exemplificar acontecimentos da vida. A partir do reencontro de pai e filho que não se falavam há muitos anos é feita uma retrospectiva, não só na vida pessoal das personagens, como também na história do país.

Em princípio a obra aparenta ser um romance familiar de pai e filho que se encontram aos domingos para resolver pendências; o que observamos no decorrer do livro é uma disputa narrativa. O que parecia ser apenas uma briga de família se torna o núcleo irradiador do livro. O drama familiar se apresenta de maneira fragmentada, sem a intenção de apresentar uma resposta para as questões do Brasil, contemplando a história do país durante o período que se passa a trama. A partir dessa disputa narrativa é possível transitar por algumas das múltiplas faces do Brasil.

O drible é um velho artifício usado nos mais diversos esportes coletivos. Usufruindo de suas habilidades individuais, o jogador aplica seu repertório de fintas, gingas e demais técnicas a fim de atrair a marcação adversária, desvencilhar-se dela ou em alguns casos provocar o desequilíbrio emocional e psicológico do adversário. Dentro da narrativa de Sérgio Rodrigues é possível observar uma espécie de drible literário, mesmo não sendo exatamente experimental, as soluções narrativas encontradas pelo autor são eficazes. O fim

do romance é prenunciado ao longo de todo o livro. A estratégia de anunciar um livro com um final surpreendente é interessante no que diz respeito à vendagem. Para fins literários tal desfecho também tem um papel importante, o de marcar uma característica do drible, a de não possuir um fim em si mesmo.

Fazendo uso de sua voz o pai introduz na obra dois pilares narrativos, o primeiro é real: a história do famoso drible do jogador Pelé sobre o goleiro uruguaio Mazurkiewicz, na Copa Mundial de 1970, e o segundo fictício: a lendária história de um jogador com poderes sobrenaturais, Peralvo, contemporâneo do rei do futebol. O drible de Pelé é acompanhado de outras histórias acerca do futebol, assim como a história de Peralvo é carregado de lembranças de Murilo filho. Dessa maneira, Murilo Filho alia fatos e versões, reconfigurando a verdade a fim de amarrar a história do futebol à história do país.

O fato de Murilo Filho ser um jornalista com boas relações com cronistas famosos como Mário Filho e Nelson Rodrigues não é acidental. Estas personagens ajudam a reconstruir o cenário no qual o futebol se forjou como mito no Brasil, a utilização da esfera jornalística possibilita apresentar o papel fundamental do rádio não só na expansão, como também na literalização do futebol, pois, como o próprio personagem diz, os narradores do rádio convertiam peladas sofríveis em eventos memoráveis. O percurso histórico do livro caminha até a utilização do futebol como propaganda televisiva durante a ditadura. Outro ponto a se destacar é a menção a profissionalização do futebol.

Pelo olhar de Murilo Neto é possível constatar o choque geracional entre pai e filho. Neto busca encontrar respostas para a morte de sua mãe, para ele está a única memória que conta, no entanto, seu pai o dribla. Por sua vez, Neto tentou durante toda a vida driblar a lembrança da carreira de sucesso do pai. Murilo Filho chega ao Rio de Janeiro nos anos 1950 e é prontamente acolhido, vive um mundo de várias perspectivas. Já Neto vive a juventude nos anos da redemocratização tentando se libertar dos boatos de uma possível colaboração do pai com a ditadura militar.

A relação conturbada entre pai e filho revela ainda mais uma ferida nacional, a ideia de uma democracia racial. Murilo Filho é assombrado pelo mesmo fantasma que rondava a mente obscura de Bentinho, a falta de semelhança física

entre o pai alourado e o menino apelidado de Tiziu pelo tom da pele provoca uma rejeição fundada no racismo e na desconfiança.

Há uma crença geral que o futebol consegue sanar as desigualdades raciais com a promoção de jovens de periferia aos gramados mais famosos do mundo. Durante a obra essa crença é sustentada pela ascensão ao estrelato de Peralvo. Acerca do personagem Peralvo, podemos discutir também a elevação de um ídolo do futebol ao status de herói. O caráter épico do futebol permite a mitificação de um indivíduo, tornando ainda mais simples a aproximação e metaforização do Brasil ao mundo do futebol; tanto para o cidadão brasileiro, quanto para o torcedor de futebol, a figura do herói é cara. É quase a espera de um messias, não é por acaso que a literatura brasileira em alguns momentos buscou a construção de uma figura como esta, nos tempos de indianismo um índio europeizado na maioria das vezes, aqui um jogador clarividente. De todo modo sempre ressaltando o personalismo e individualismo.

AS DUAS PONTAS DA VIDA

MURILO FILHO, O NARRADOR PARCIAL

A maior parte da narrativa é contada a partir da visão de Murilo Filho. Quando a narração está sendo feita pelo narrador que não é apresentado como personagem da trama, ainda assim a perspectiva adotada é mais próxima de Murilo Filho. Embora o romance relate um início de trajetória conturbada com uma vida mais precária, esse narrador pertencia a uma elite. Assim como toda a história nacional conta, as elites sempre usaram a favor de interesses próprios a tradição filosófica e social humanista, justificando as coisas como são. Dentro da narrativa essa imposição não ocorre de maneira diferente. O discurso do pai já seria superior ao do filho, por questão de hierarquia; para além da hierarquia familiar, Neto se tornou um profissional menos consagrado e bem-sucedido que o pai, o que o deixa em posição de desvantagem discursiva. Se aproveitando desses três pontos, a hierarquia familiar, a posição social e sua profissão, o narrador conta de maneira nada imparcial ao filho o que deseja e da forma que deseja.

Segundo Walter Benjamin, a narração é faculdade de intercambiar experiências. Como narrador nada confiável, Murilo Filho escolhe a dedo as experiências que pretende colocar a disposição de Neto. Ao futebol é comumente atribuído o status de ferramenta de manipulação, apelidado por Nelson Rodrigues como “ópio do povo”. Usado como escudo por governos em ditaduras, e ou como escada para alcançar popularidade em democracias, assim como toda cultura de massa, há nesse esporte um poder alienante. O narrador manipulador do romance aqui analisado não se furta um segundo de fazer uso do futebol para estes fins, muito pelo contrário, a base metafórica da sua manipulação é o futebol.

Há no romance uma tentativa de aproximar futebol e literatura, feita por esse narrador que além de manipulador é alienador. A fim de convencer seu interlocutor de sua tese, equipara as duas artes, como ele nomeia, e as coloca como imparciais dizendo: “Toda grande arte é apolítica. Futebol e Literatura são grandes artes, logo são apolíticos. Pairem quilômetros acima das questões

políticas.” (p.49). A busca de uma literatura empenhada em ajudar a constituir um sentimento de unidade nacional desde os árcades passando por toda a história literária do Brasil, na visão do narrador, é possível por meio do futebol com o auxílio do rádio.

“Agora me diz, Tiziu”, disse Murilo, “como pode fazer dessa suprema sacanagem, desse puteiro a céu aberto, um país? Impossível, você diz? Parecia mesmo, parecia. Aí alguém arranjou uma bola, foram onze para cada lado, outro maluco pegou um microfone e logo estava embelezando as jogadas mais toscas com umas retumbâncias ridículas de retórica. Pronto: metade futebol, metade prosopopeia, estava feito o Brasil.” (RODRIGUES, 2013 p. 59)

Murilo Filho ampara sua ideia sobre a constituição de um país em um livro de seu ídolo maior, Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, publicado em 1947. Criador do jornal *O Mundo Sportivo* (1931), Mário Rodrigues Filho foi um famoso jornalista brasileiro conhecido como o precursor do jornalismo esportivo no Brasil e como o “criador das multidões”, termo cunhado por seu irmão, Nelson Rodrigues, devido seu empenho como um dos principais intelectuais voltados à popularização do futebol no meio jornalístico e a utilizar termos mais fáceis para o seu entendimento dentre os mais variados segmentos da população.

Entre as décadas de 1930-1950, houve um projeto de construção de brasilidade a partir do futebol com forte atuação de Mário Filho. Mario Filho aproximou-se de Gilberto Freyre, que assina o prefácio da primeira edição da obra *O Negro no Futebol Brasileiro*. Juntos, Freyre e Mario Filho seriam referência de um importante segmento de intelectuais que vinculariam o futebol ao discurso de brasilidade. Gilberto Freyre ao longo do governo Vargas, sobretudo no Estado Novo, foi voz muito influente na intelectualidade brasileira. Publicou artigos em veículos oficiais de propaganda do governo, onde seria uns dos responsáveis por dar sentido, não apenas político, como ainda social e cultural, para o projeto político cultural de um Brasil miscigenado e representado pelo “mulatismo” e pela democracia racial, argumento amplamente difundido nos estudos de Freyre (1998).

Esse narrador que fala em “colar os cacos de um país” e reconhece que como diz “no caso dos pretos”, a situação era bem pior se ampara em um livro híbrido

que mistura ficção e um pouco da história do futebol brasileiro para garantir que o Brasil se fundou a partir do futebol. Murilo Filho sugere a Neto a leitura de *O negro no futebol brasileiro* quase que como um guia de entendimento do Brasil. Há nessa indicação uma naturalização das questões raciais do Brasil, as coisas são colocadas de tal forma a se subentender que não existe racismo no Brasil pós popularização do futebol. O festival de naturalização segue ao longo de toda narrativa e ganha variações no racismo cordial à brasileira. Até mesmo quando busca fazer um elogio, Murilo Filho deixa escapar seu racismo como abaixo:

“O jeito brasileiro de jogar bola tem mesmo uma dívida impagável com a cultura negra, mestiça, sensual, infantil esculhambada que é a cultura do Brasil, se houver uma. Batuque, rebolado, capoeira, exibicionismo, pé no chão, rua de terra. Com orgia, não com o trabalho. Não é assim, Neto? ”.(RODRIGUES, 2013 p.61)

Como detentor da narrativa, Murilo Filho só nos permite ver aquilo que deseja. Personagens como Elvira e Peralvo, que se encontram mortas no momento em que a narrativa é iniciada, são apresentados ao leitor pelo olhar desse narrador partidário. As figuras que são descritas de maneira tendenciosa pelo narrador impossibilitam a reconstrução do passado de Murilo Neto. A busca da explicação sobre o passado de sua mãe não se realiza, assim como, não toma conhecimento da história de seu possível verdadeiro pai. O filho vai ao encontro do pai com interesse em saber do seu passado, no entanto é enredado e manipulado com o auxílio de histórias do futebol como nos trechos a seguir:

“Elvira se matou por sua causa, seu mulherengo escroto.” Murilo pondera que Nelinho tinha uma patada tão violenta que arreventou as veias do pé direito e teve que fazer uma angioplastia. [...] “O pior foi quando Conceição morreu e você nem me avisou. Na boa, difícil imaginar coisa mais nojenta, mais desumana.” O velho dava um sorriso beatífico. “Sabia que na terra do Maradona muita gente ainda chama ponta de güin. Sabe de onde vem isso? Do inglês wing. Trocaram o gê de lugar. Não é engraçado?” Às vezes Neto tinha certeza que o pai sabia o que estava fazendo e o papo detraquê era encenação.

[...] “Você pensa que a sua mãe era santa, eu era o diabo e Elvira a santa. Não é isso que você pensa? Você não sabe nada, nada de nada de nada.” Nesse momento não adiantava perseguir o assunto. “Por que você está dizendo isso? Tem alguma coisa para me contar, conta de uma vez.” “Sabia que o Gerson fumava até no intervalo dos jogos?” “Eu acho que você é um velho caquético

que não sabe o que fala.” “Você nunca foi bom de achar, Tiziu. Só de perder.” (RODRIGUES, 2013, p. 155-157).

MURILO NETO, O QUASE HERÓI

Frágil, facilmente enrascado e confuso nas histórias contadas pelo pai, Murilo Neto não se realizou em um possível protagonista da história. Poderia ter se constituído como um herói no decorrer da narrativa, mas não foi nem sombra disso. Mesmo com um esquema temporal propício e uma posição histórica que os colocava quase que automaticamente como antagonistas, em que o pai é um aliado da ditadura nos anos mais duros e o filho é membro de uma banda de rock nos anos da redemocratização, não há no romance uma virada no sentido de superação.

Embora a narrativa se assemelhe a outras que buscam falar de alguma forma de constituição de um ser nacional, não há aqui um apelo à figura do herói. Essa ausência não é uma novidade apresentada apenas nas narrativas contemporâneas ou na literatura brasileira, é um fenômeno universal. Durante seu último curso no Collège de France entre 1979 e 1980, o pensador Roland Barthes alertava que a grande literatura estava acabando na prática e no ensino. Garantia ainda que, além do mundo, o saber e o próprio homem estavam fragmentados, e a escrita de ficção não poderia mais recolhê-los no velho modelo do romance. E falava, sobre a impossibilidade da existência de um herói, o seguinte:

Desaparecimento dos líderes literários; esta é ainda uma noção social; o líder [é uma] figura na organização da Cultura. Mas, na comunidade dos escritores [...] outra palavra se impõe, menos social, mais mítica: herói. Baudelaire a propósito de Poe: "um dos maiores heróis literários". É essa Figura -ou essa Força - do Herói literário que perde hoje sua vitalidade. (Barthes, 2005-II, p.312-3)

Contraditório durante toda a narrativa, o filho facilmente manipulável parece se orgulhar das atitudes mais sórdidas de seu pai. Repete o comportamento do pai em relação as mulheres, se vangloria por aproveitar-se de moças de classes sócias desfavorecidas com quem tem apenas intenções sexuais. Herdara de seu pai o comportamento dissimulado e manipulador.

Apelidado pelo pai de Tiziu, Murilo Neto em nenhum momento da narrativa Netos se reconhece como homem negro. Herdeiro de sua mãe, que tinha cometido suicídio, vivia bem financeiramente, mas assombrado por não saber a causa do ocorrido com sua mãe. Possivelmente crédulo na democracia racial tanto comentada por seu pai, nunca se levantou contra as opressões sofridas por seu povo; nunca sequer percebeu ou admitiu a origem do mau tratamento recebido do pai.

Essa figura que parece inocente e ao mesmo tempo conformada se assemelha ao o que é o Brasil. Um país que não confronta seu passado para então poder progredir no futuro. Neto nunca se perguntou o porquê de sua babá sempre tentar forçá-lo a acreditar que seu pai era um homem bom. Ora, estava ali a deixa de sua discutível origem. Tampouco quando foi alertado por alguns colegas que seu pai havia sido delator durante a ditadura, Neto se preocupou em questioná-lo. Ele nunca quis se inteirar realmente no passado, era melhor acreditar no destino. Dizia que o pai morreria sem entender nada do Brasil. E o que sabia ele?

“Sei lá. O cara está morrendo, me chamou. Diz que quer amarrar as pontas da vida. Fica falando de futebol. ”

“Entendo. Isso é ele. Mas por que você está fazendo isso?”

“Acho que no fundo Murilo não se conforma de morrer sem ter entendido alguma coisa profunda do Brasil, uma maluquice assim. Fica contando histórias de craques do passado e procurando no futebol uma imagem de corpo inteiro da nacionalidade, sabe esse papo? Uma contribuição qualquer à marcha da civilização, mestiçagem, tolerância, jogo de corpo, antropofagia, besteiras do gênero. Não entende e não quer entender que já era, estilhaçou tudo, fodeu tudo. Não tem mais Brasil, se é que um dia teve. Não tem um país só.” (RODRIGUES, 2013 p. 146)

PLAY, PAUSE, REW, PLAY E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Presos no dia 10 de junho de 1970 era assim que estavam Murilo Neto e Murilo Filho. O dia do drible aplicado por Pelé em Mazurkiewicz foi também o dia da morte de Elvira, a mãe de Murilo Neto. Mesmo que o rompimento dos dois tenha ocorrido muitos anos depois da morte de Elvira era naquele momento em que estavam presos. Atar as pontas da vida significava muito mais que morrer em uma casa que remetesse a adolescência, poderia, para ele, significar aplicar seu drible final; como no caso da partida da copa de 1970 o drible foi o último lance do jogo. Assim como Bento Santiago, Murilo Filho havia entendido que não era possível atar as pontas da vida. Murilo Neto compreendeu mais do que isso, percebeu este último que existem muito mais pontas soltas.

Não é só o propício heroísmo de Neto que não acontece, o livro é marcado por não realizações. As muitas pontas soltas ao longo da narrativa se apresentam nas não realizações que marcam o romance. Peralvo *quase* foi um craque maior que Pelé, Pelé *quase* fez um gol histórico, Peralvo *quase* jogou uma Copa, são muitas as descontinuidades ao longo da narrativa. Ações não se concretizam em todos os planos, inclusive no coletivo. Ao se referir ao Brasil, Murilo utiliza a tragédia de Peralvo como metáfora rasa para a desgraça que se abateu sobre o Brasil.

O futebol paranormal do merequendano parecia prenunciar algo maior, um salto de qualidade que enfim transformaria o país naquilo que ele tinha potencial para ser, porém acabou não sendo. Afigurava-se como um corolário não apenas lógico, mas inevitável, do processo de pretificação que havia transformado o futebol brasileiro no que ele era, conforme documentado por Mario Filho e comemorado por Gilberto Freyre. Uma carreira esportiva cheia de vagas mas excitantes promessas revolucionárias foi abreviada em março de 1964 pela força bruta da Vascalhoada. Poucas semanas depois, o golpe militar abortou também brutalmente as vagas mas excitantes promessas revolucionárias do governo João Goulart. O fato do próprio Peralvo ser um simpatizante da esquerda contribuía para a imagem do ex-craque como símbolo de um país que de repente, quando tudo parecia mais risonho e solar e bacana, degradingolou, subjugado por forças noturnas que representavam o que nele havia de pior. (RODRIGUES, 2013 P.197-198)

Assim como as personagens principais que estão perdidas no passado, o Brasil revelado pelo romance também se encontra perdido nas mesmas práticas de outrora. Peralvo é alvo de vários tipos de violências ao longo de sua trajetória, algumas dessas violências são naturalizadas. As primeiras violências sofridas apresentadas no livro são dissimuladas sob a lógica do favor, denunciada na literatura brasileira desde Machado de Assis, a relação de Peralvo e seu pai adotivo na verdade se configura como o assédio “O neguinho, filho adotivo do Doutor? De matar de rir. Em que mundo você vive, meu amigo? Amor paternal nada. Amor pra ter pau, isso sim. Quer um chá de mastrução?” (RODRIGUES, 2013 p.97). Outra questão naturalizada é a hiperssexualização do homem negro, Peralvo é apresentado como um conquistador, mas sempre reforçando a fetichização do desempenho sexual do homem negro que se configura como uma forma de racismo.

Murilo Filho acreditava que a história do Brasil estava estreitamente unida ao fenômeno futebol. Para ele, antes do futebol, o que havia eram fragmentos de um povo colonizado em diversos âmbitos, devido ao tamanho do país e sua distribuição geográfica. As partes do Brasil se desconheciam. Um país desigual, com a maioria da população ainda em condições subumanas, miseráveis, o que resultaria na

[...] fabricação de toneladas de argamassa para colar os cacos de um país gigantesco que até aquele momento não era bem um país, mas uma vastidão de terra dividida entre uns poucos proprietários que se distinguiam em partes iguais pela ganância e pela indiferença às condições de vida das multidões que trabalhavam para eles, pouco lhes importando que estudassem ou deixassem de estudar, que tivessem casas com redes de esgoto ou cagassem no mato, que vivessem ou morressem. (RODRIGUES, 2013, p. 59).

De fato, as duas partes não se conheciam, assim como Murilo Neto não tinha consciência de sua condição de homem negro. Aquilo que Murilo Filho narrou como história de vida de Peralvo era algo distante da realidade de Murilo Neto por conta de sua falta de consciência, embora o narrador queira reduzir fatos que têm causas sociais, históricas e coletivas à dimensão da miséria humana, entre uma parte do Brasil e outra, entre uma ponta da vida e outra, entre a naturalização de Murilo Filho e o conformismo de Murilo Neto existem essas

causas. Talvez Neto só conhecerá a outra parte do Brasil no cárcere onde poderá enfim tomar consciência da sua condição. O ideal de unidade de nação só se realiza na perspectiva de naturalização, conformismo ou falta de consciência.

A questão da nacionalidade que não começa e nem se encerra nos românticos perdura durante toda a narrativa de Rodrigues. Com o futebol como personagem o autor pretendia sintetizar as características da nossa sociedade. A descontinuidade apresentada no romance foi utilizada como ferramenta de manipulação, o fio condutor acaba sendo o futebol e por meio desse é possível mesclar o passado de forma natural com a sede de modernidade que são características da sociedade brasileira.

Apenas a consciência do atraso pode trazer o real sentido da produção de literatura em países subdesenvolvidos como o Brasil. Em *A educação pela noite e outros ensaios*, mais especificamente em "Literatura e subdesenvolvimento", Antonio Candido discorre sobre o assunto citando Mário Vieira de Mello

Diz ele que houve alteração marcada de perspectivas, pois até mais ou menos o decênio de 1930 predominava entre nós a noção de "país novo", que ainda não pudera realizar-se mas que atribuía a si mesmo grandes possibilidades de progresso futuro. Sem ter havido modificação essencial na distância que nos separa dos países ricos, o que predomina agora é a noção de "país subdesenvolvido". Conforme a primeira perspectiva salientava-se a pujança virtual e, portanto, a grandeza ainda não realizada. Conforme a segunda, destaca-se a pobreza atual, a atrofia; o que falta, não o que sobra. (CANDIDO, Antonio. 1989. p. 140-162)

Embora a questão da unidade da nação permeie todo o romance, o livro se mostra mais interessante ao retratar aquilo que não se desenvolveu, ficou atrofiado no tempo, o que fica fora dessa suposta unidade. O que escapa a essa tentativa de explicação totalizante de Brasil revela o que há de mais brasileiro. A tentativa de formular uma tese sobre a unidade do Brasil ou captar o espírito brasileiro é falha, mas não faz com que o romance esteja fadado ao fracasso. Nos momentos em que se mostra revelador das máculas brasileiras o romance ganha o fôlego necessário para servir à tradição literária. Bem como a literatura é mais eficaz no papel de reveladora do que de mera imitadora da realidade.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Sérgio. O Drible. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CANDIDO, Antonio. A educação pela noite & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos. São Paulo: Martins, 1969, 3ª edição.

BUENO, Luís. Depois do fim: ainda a história de literatura nacional? matraga, rio de janeiro, v.19 n.31, jul./dez. 2012

BUENO, Luís. Uma história do romance de 30. São Paulo: Edusp/ Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. A literatura é uma transfiguração da realidade. Entrevista a Luís Augusto Fischer, Homero Vizeu Araújo, Marcelo Frizon e Ian Alexander. In: Zero Hora – Caderno Cultura. Porto Alegre, 24/10/2009, p. 6.

FRANCHETTI, Paulo. História literária: um gênero em crise. In: Semear: Revista da Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses. Rio de Janeiro:

PUC-RJ, n. 7, 2002. Disponível em: http://www.letas.puc-rio.br/catedra/revista/semiar_7.html.

EFFTING, Marilda Aparecida de Oliveira. Memórias a Passos e Passes em O Drible. Criação & Crítica, n. 22, p., dez. 2018. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>.

ANDRADE, Fábio de Souza. No país da negaça. Piauí EDIÇÃO 90 | março_2014. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/no-pais-da-negaca/#>>

OLIVEIRA, Elis da Silva. O intelectual da bola: Mário Filho e o projeto de construção da brasilidade a partir do futebol entre as décadas de 1930-1950.

MORGADO, Andréya Garcia da Paixão. Um bate-bola entre futebol e história da literatura brasileira. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 179-187.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.